

José M. de Alencar

Gladstone Chaves de Melo

I — TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Nasceu José Martiniano de Alencar no sítio de Messejana, próximo de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, a 1^o de maio de 1829. Foram seus pais o Senador José Martiniano de Alencar e Ana Josefina de Alencar, primos. Entre os seus maiores, figura Bárbara de Alencar avó paterna, conhecida heroína da revolução de 1817.

Passou ele os nove primeiros anos da vida em sua terra natal, em contato com a natureza, que desde então já devera ter influído poderosamente na sensibilidade do futuro escritor. Aí, também, lhe calaram no espírito e no coração os exemplos de seu severo pai, os conselhos e carinhos da mãe, a quem tão freqüentemente se refere nas suas notas autobiográficas, e as lições do seu primeiro mestre, Januário Mateus Ferreira.

“Não conhecemos a genealogia do criador do *Guarani*, escreve Artur Mota, mas a admitir que tivesse um antepassado silvícola, deve-se concluir que se operou a seleção, pois o retrato revela um representante apurado da raça latina” (*José de Alencar*, Briquet, Rio, 1921, pág. 17).

Tinha nove anos Alencar quando sua família se transportou para o Rio, a fim de dar melhor educação e instrução ao menino. Viagem penosa e demorada, feita por terra até à Bahia, através de invios sertões. Mas, ainda assim, benéfica para

o futuro romancista, que nela acolheu, fixando na viva sensibilidade infantil, as primeiras e mais fortes impressões do *hinterland* brasileiro. Ouçamos o que, a respeito, nos diz o próprio escritor: "Se nalguma hora de pachorra me dispusesse a refazer a cansada jornada dos quarenta e quatro anos, já completos, os curiosos de anedotas literárias saberiam, além de muitas outras coisas mínimas, como a inspiração do *Guarani*, por mim escrito aos 27 anos, caiu na imaginação da criança de nove, ao atravessar as matas e sertões do Norte, em jornada do Ceará à Bahia. (1) E noutro lugar, refere-se à viagem que fez o autor, do Ceará à Bahia, por terra nos anos de 1838 a 1839.

"A essa jornada cheia de acidentes e feita aos nove anos, deve o autor as mais vigorosas impressões da natureza americana, e dos quais se acham os traços em muitos de seus livros, especilmente no *Guarani* e *Iracema*, e agora no *Sertanejo*." (2)

Aos 14 anos passou-se Alencar para S. Paulo, a concluir a educação secundária e cursar, mais tarde, a Faculdade de Direito. Concluído o curso de humanidades, aliás com grandes deficiências oriundas de má organização e prática do ensino, matriculou-se Alencar em 1846, com 17 anos, na Faculdade.

Por essa época sentiu bem ao vivo as lacunas da sua formação secundária, tanto é verdade que se viu incapaz de ler no original os grandes românticos franceses. Picado pelo orgulho e pelo brio, atirou-se ao estudo com seriedade e afinco, procurando organizar como convinha a base da sua cultura e aparelhar-se para seguir a vocação de escritor que já sentia em si.

Fez quatro anos do curso jurídico em São Paulo, sendo que o terceiro tirou em Olinda, em 1848, ocasião que aproveitou para uma estada de dois meses na terra natal. Formou-se em 1850, iniciando-se logo em seguida, em 1851, na advocacia com o notável profissional Dr. Caetano Alberto. Tornou-se grande advogado, tendo-lhe proporcionado as lides do

(1) *Como e por que sou romancista*. Rio, 1893, pág. 8.

(2) "Notas" apenas ao primeiro volume do *Sertanejo*, Rio, 1876, pág. 255.

fôro bom dinheiro e reputação de jurisconsulto. Em 1853, em agosto, estréia na imprensa, entrando para a redação do *Correio Mercantil* a convite de Francisco Otaviano. Aí publicou os folhetins *Ao correr da pena*, mais tarde reunidos em volume. Escreveu, depois, no *Jornal do Comércio* e de 1855 a 1858 foi diretor do *Diário do Rio de Janeiro*. Datam daí seus maiores triunfos. Nas folhas do *Diário* é que primeiro publicou as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, sob o pseudônimo de Ig.

Por essa época é nomeado professor de Direito Mercantil no Instituto Comercial do Rio de Janeiro e em 1859 é chefe de Seção da Secretaria da Justiça, fazendo-se pouco depois consultor jurídico do Ministério.

Ingressou e militou na política, tendo sido deputado pelo Ceará em quatro legislaturas. Chegou a Ministro da Justiça, no gabinete de 16 de julho de 1868, cargo que ocupou até 1870. Foi eleito senador, mas não foi escolhido em lista sêxtupla.

Casou-se em 1864 com uma sobrinha-neta de Lorde Cochrane, o que lhe explica as influências inglesas na literatura e na política. Foi-lhe dedicadíssima companheira a esposa, que lhe sobreviveu.

A política lhe trouxe grandes e fundos aborrecimentos, pois que, desavindo-se a certa altura com os próprios ex-colegas de ministério, atacou-os e foi tremendamente atacado por todos os adversários.

Violenta e tenaz foi a campanha contra ele sustentada, a qual procurou não apenas combater e amesquinhar seus princípios e atitudes políticas, senão, também, pôr em cheque e desfazer seus méritos de escritor e romancista.

O temperamento de Alencar na verdade não se podia casar com a atividade política. O traço mais sensível do seu caráter foi o orgulho, a excessiva estima de si mesmo e o gosto da popularidade, embora nunca a tivesse cortejado. A inteireza e a rebeldia do seu feitio moral não lhe permitiram a obediência à disciplina partidária e o sacrifício às conveniências. Do encontro das duas forças saiu ele vencido. E acabou-nhado e apagado. Perdera o entusiasmo e o ardor dos outros tempos e se tornou melancólico, pessimista e taciturno. Fez-se

um vencido na vida, embora mais acastelado ainda no seu orgulho indomável.

Ouçamos, a propósito, seu grande biógrafo e crítico Araripe Júnior:

“José de Alencar, por fim, sentiu que as flores do seu estilo não bastavam já para sustentá-lo e que o público, para o qual apelava, não o acolhia com o carinho a que têm direito os homens justos e populares. Desde então encheu-o um sentimento como de quem se acha em um terreno escorregadio: nem o favor dos grandes, nem a simpatia pública. Esse estado de espírito gerou-lhe uma mágoa incurável, acompanhada de um pesadume horrível: começou à época dos desenganos e grandes desalentos. O céu dourado de sua pátria deixou-se aos poucos escurecer e o entusiasmo dos primeiros anos transformou-se na raiva e no pessimismo. O grupo dos adversários que até aquela época o haviam respeitado, desencadeou-se; e bastou este sinal de defecção para que os menos corajosos se atirassem sem comiseração sobre sua bagagem literária, encetando uma cruzada demolidora contra o seu nome e a sua fama”. (1)

Daí em diante entrou a esmorecer, a definhar. Abalou-se-lhe a saúde. Sobrevieram males do fígado e um estado mórbido generalizado. O espírito se lhe abatera profundamente. Recorde-se como o vê Mestre Machado nessa triste quadra: “Lembram-me ainda algumas manhãs, quando ia achá-lo nas alamedas solitárias do Passeio Público, andando e meditando, e punha-me a andar com ele a escutar-lhe a palavra doente, sem vibração de esperanças, nem já de saudades. Sentia o pior que pode sentir o orgulho de um grande engenho: a indiferença pública, depois da aclamação pública”(2).

Agravaram-se-lhe os males físicos, sofreu uma afecção pulmonar, pelo que lhe aconselharam os médicos uma viagem à Europa. Empreendeu-a em 1876, tendo estado em Lisboa, Paris e Londres. De volta parecia um tanto beneficiado. Mas

(1) *José de Alencar* — 2.^a ed., Rio, 1894, págs. 131-132.

(2) *Crítica Literária* — Ed. de W. M. Jackson Inc. 1938. — Prefácio para *Guarani*, pág. 345.

não pode resistir à recrudescência dos seus males e, a 12 de dezembro de 1877, falecia na Tijuca, abraçado à esposa e rodeado dos filhos.

II — OBRAS

É vastíssima a bibliografia de Alencar. Foi ele um dos mais fecundos escritores nacionais, tendo versado vários gêneros: romance (histórico, indianista, da vida da cidade e da vida do campo), teatro (drama e comédia), poesia, crítica, jornalismo, eloquência, doutrina (direito), política. Foi, porém, no romance que exceleu.

Parte de sua grande obra está publicada e parte inédita. Vários dos seus livros tiveram mais de uma edição em vida do autor que, grande estilista que era, emendou e melhorou a forma com que tinham pela primeira vez saído. Em mais de uma dessas reedições ajuntou pós-escritos, defendendo-se de críticas muita vez aleivosas. Ornadas com tais apêndices se encontram a 2ª edição de *Diva* (1865) e a 2ª de *Iracema* (1870).

A obra de Alencar está a pedir uma bibliografia condigna, trabalho difícil, por sem dúvida, dado o sem-conto de edições de cordel e as adulteradas do grande autor. Mas, por isso mesmo, é necessário que apareça um benemérito que faça para Alencar o que para Gonçalves Dias fez o Sr. Nogueira da Silva (*Bibliografia de Gonçalves Dias*, Rio 1942, Ed. do Instituto Nacional do Livro).

Aqui nesta resenha indicamos, para as obras publicadas, as edições de vida do autor.

Acostamo-nos à bibliografia de Artur Mota, que só registra a primeira edição de cada obra, e à de Sacramento Blake, que assinala as posteriores. Sempre que nos foi possível, verificamos a exatidão da ficha; porém, vastas vezes não o pudemos fazer, por ser bem pobre a Alencariana da nossa Biblioteca Nacional, bem como a do Gabinete Português de Leitura. A da Casa de Rui Barbosa é paupérrima.

Para a relação dos inéditos (e publicações póstumas em revistas) valemo-nos, ainda uma vez, de Mota e Blake.

COLABORAÇÃO EM JORNAIS E REVISTAS

Ensaio Literários (S. Paulo) 1846: À pátria de Camarão — Questões de estilo.

Correio Mercantil (Rio) 1851-55: — Artigo crítico sobre as Poesias de A. Zaluar — Artigos sobre a reforma hipotecária (assinados Al.) — Folhetins *Ao Correr da Pena* (mais tarde reunidos em volume).

Jornal do Comércio (Rio): — Artigos literários sobre P. Mont'Alverne, Thalberg e Otelo — *A constituinte perante a história*, artigos sobre o opúsculo do Conselheiro F.I.M., Homem de Melo (1)

Diário do Rio (de que foi diretor) 1855-58: — Escreveu muitos artigos com a assinatura "Al", as biografias de Eusébio de Queirós e Marquês do Paraná e publicou as *Cartas de Ig, sobre a Confederação dos Tamoios*, as novelas *Cinco Minutos* e *Viuvinha* e o romance *Guarani*.

Dezesseis de Julho (Folha política e literária) Rio, 1869-70: 2 vols. (com o dr. Leonel M. de Alencar).

O Protesto — Rio, 1877 (periódico de 16 págs., in 8º, de que saíram apenas cinco números) com 80 páginas.

República: Til (Romance).

O Globo: — *O novo cancionero*, série de cartas a um amigo.

Diário Popular — *Encarnação* (romance).

OBRAS PUBLICADAS EM VOLUME OU FOLHETOS

- 1 — *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, por Ig.* (Publicadas no *Diário* Rio de Janeiro — Empresa Tip. Nacional do Diário, 1856, in 8º de 96 + 16 págs.

(1) ARARIPE JÚNIOR admite que tenham sido publicados no *Diário do Rio*.